

I – ALVES REDOL
PRESENTE E FUTURO DA SUA OBRA

II – NEO-REALISMO PORTUGUÊS
E REALISMO NO MUNDO (cont.)



Edições Colibri

ÍNDICE

1) Alves Redol – Presente e Futuro da Sua Obra

Apresentação

Paula Godinho e António Mota Redol 11

Literatura, verdade, Antropologia. A propósito de *Olhos de Água* de Alves Redol

Elias Torres 21

Achegas à margem de Alves Redol

Adelaide Gonçalves 61

Gaibéus, do Ribatejo à Chapada do Apodi: Sobre os Invisíveis e Condenados da Terra

Lourdes Vicente 81

Os sinos do Douro e os sinos de agora: carta a Paula Godinho sobre o Ciclo Port Wine, de Alves Redol

Átlio Bergamini e Suene Honorato 101

Literatura e Etnografia: as guinadas da vida em *A Barca dos Sete Lemes*, entre tempo-intervalo e espaço-intervalo

Paula Godinho 113

Desejo, morte e esperança – Breves notas em torno de *Uma Fenda Na Muralha*

Maria Alice Samara 141

A semente forjada nas pedras da ruína

José Dércio Braúna 151

Género e (homo)sexualidade em *O Muro Branco*: olhar o passado para preparar o futuro

Raquel Afonso 171

Redol e o futuro que sempre começa atrás João Carlos Louçã.....	185
Uma «promessa de melhor vida»: desigualdades sociais e aspirações de futuro em <i>Anúncio</i> Mariana Rei.....	197
<i>O Cavalo Espantado</i> : «Eu sou eu e a minha circunstância» Dulce Simões	207
A personagem do negro em <i>Histórias Afluentes</i> , de Alves Redol Antony Cardoso Bezerra.....	223
2) Neo-Realismo Português e Realismo No Mundo (continuação)	
Apresentação	
José Manuel Vasconcelos e António Mota Redol.....	247
Alguns contágios cinematográficos em tempos de novos Realismos	
Leonor Areal	249
<i>O Caderno de Viagem de 1938</i> , de Manuel Filipe: Notas dispersas & difusas «Impressões... colhidas <i>a vol d'oiseau</i> »	
João Archer de Carvalho.....	295
Engajamento poético engajamento poliético	
Saguenail.....	343
Fernando Namora e Jorge Amado: a “particularidade” da vida portuguesa e da alma do Brasil	
Fernando Batista	363
A guerra colonial na poesia, na música e na ficção portuguesa	
Alguns tópicos	
Domingos Lobo	385
3) Textos apresentados em sessões organizadas pela Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo	
Fernando Namora – “e não sei se o mundo nasceu”: um itinerário estimulante	
Maria Graciete Besse	417

Revista <i>Vértice</i> , n.º 192 – Apresentação	
Domingos Lobo	423
Devaneios	
Giovanni Ricciardi	429
4) Actividades da Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo	
Relatório de Actividades da Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo em 2019.....	435
Relatório de Actividades da Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo em 2020.....	443

APRESENTAÇÃO

O calendário, com esse tempo entre alfa e ómega governado por Kronos, transporta dentro a possibilidade de fazer sobressair Kairós, o momento oportuno, aquele em que se encontram possibilidades que, conquanto sempre lá tivessem estado, pareciam diluir-se na lufa-lufa de outras prioridades. É assim com as datas ditas redondas, como se as arestas se reportassem a todos os outros anos. Neste caso, assim sucede com os 110 anos do nascimento de Alves Redol (Vila Franca de Xira, 29 de Dezembro de 1911 – Lisboa, 29 de Novembro de 1969), que atravessamos em 2021. Nos 100 anos do seu nascimento organizámos uma conferência internacional, cuja especificidade assentou na leitura de obras de Redol através de um olhar provindo das Ciências Sociais, de que viria a resultar uma publicação, que coordenámos, *Alves Redol – O Olhar das Ciências Sociais* (Lisboa, Edições Colibri, 2014).

Dignificar os seres humanos através de uma obra sem concessões significa em Alves Redol a lucidez de penetrar a fundo num domínio do saber aconchegado às pessoas, sem, todavia, descurar o lado estético. Sólida nos conteúdos, histórica e etnograficamente fundada em grande parte da sua escrita, pioneira nas abordagens do universo cidadão e em temáticas que, além das classes sociais (sempre com uma preciosa atenção aos segmentos de classe, aos grupos profissionais, às divisões técnicas do trabalho), atendessem às construções de género, à masculinidade hegemónica, aos formatos do marialvismo e à homofobia assassina, ao colonialismo e à racialização – que transformava em “patrão” qualquer pobre migrante branco da metrópole que partisse para as colónias africanas –, aos refugiados e à temática das fronteiras. Não seria pouco, e, todavia, não recobre a grandiosidade da obra de Redol, que junta uma etnografia densa e pioneira em Portugal, com o recurso à História, ou à Sociologia, sem deixar de fazer sobressair nos seus textos uma escrita rica, cativante e com esperança. Como apontava Karl Marx numa sua aproximação à literatura, com *Escorpião e Fénix*, a arte refugia-se em todos os ângulos.

Dez anos depois, juntamos neste número de *Nova Síntese* investigadores do universo de língua portuguesa, entre a Galiza e o Brasil, bem como um conjunto de investigadores portugueses de uma geração mais jovem, a quem foi proposto que lessem a obra de Redol a partir das suas preocupações actuais, dos trabalhos de pesquisa e dos projectos em que se encontram envolvidos.

Vários dos textos debruçam-se sobre obras de Alves Redol centradas nos camponeses, embora nunca “de cima para baixo” e “de fora para dentro”,

como sucede em alguma ênfase citadina na sua rusticidade, ignorância, pouca sofisticação – ou num mundo perdido e idealizado, com uma componente pastoral como a identificada por Raymond Williams sobretudo para o Romantismo. Na obra de Redol, o mundo camponês do Ribatejo ou do Douro emerge sem a nuance de mundo encantado e perdido, usado para a construção da ideia de nação, sobretudo a partir do Século XIX, que lhe deu o Romantismo. Por outro lado, ao contrário do que ocorre na Antropologia europeia, em que a figura do camponês desponta sobretudo quando se esgotaram os terrenos coloniais, devido aos processos de descolonização, na obra de Alves Redol as contradições do mundo rural são conhecidas por dentro. Escreve sobre camponeses de um mundo conhecido e reconhecido, pela prática do trabalho de campo e da observação participante, da entrevista e do desenho etnográfico, da fotografia e da atenção à cultura material. O escritor é alguém que aviou as compras semanais iguais às dos gaibéus antes de sair para o seu estudo de terreno, que conhecia bem a Golegã por razões familiares, que partiu para a Glória do Ribatejo, para a Golegã ou para um mouchão para viver com os valadores, ou ajudou a descarregar pipas no Douro, munido da sua boina emblemática e uma grossa camisola de lã. A construção do olhar antropológico e sensível de Redol é o resultado dessa prática, em que junta à observação participante os pressupostos do pensamento marxista, com a insistência na *praxis* como modo de conhecer para agir e transformar.

Entre a legitimidade e a possibilidade da Antropologia do texto literário e a validade do texto como fonte, Elias Torres interroga neste dossiê *Olhos de Água* (1954), e propõe rebater a classificação frequente desta obra como “aleijadinha” – a par de *Anúncio*. A consideração de *Olhos de Água* como inclassificável (Romance? Romance neo-realista? Etnografia? Lirismo?) foi outra forma de a desvalorizar, embora constitua uma espécie de respiração colectiva de uma vila. O centro da obra não é um grupo social ou uma classe, mas Vila Franca de Xira – a Vila Velha – tratada a partir dos “afectos puros”. Essa síntese completa e arguta de uma comunidade como um todo, que constitui igualmente uma chave para o seu entendimento, está na plausibilidade referencial, bem como nos elementos sociológicos e antropológicos que a sustentam, a partir de um narrador, que é um contador-testemunha. Elias Feijó rebate igualmente o entendimento do Neo-Realismo como estilo datado e pouco moderno, e considera que a ênfase de Redol na abordagem de uma ruralidade vívida e sem enfeites, num Portugal em que os campos foram dominantes até aos grandes fluxos migratórios dos anos 1960 é um modo de intervenção política, que desmonta as visões folclorizadas propugnadas pelo salazarismo, sobretudo através dos organismos dirigidos por António Ferro. Ao considerar o Neo-Realismo antiquado, essa crítica sobretudo afirma um cânone literário, sem interrogar os processos que implica o estabelecimento desse cânone. Elias Feijó destaca igualmente o modo como Redol foi o primeiro dos escritores portugueses a denunciar o machismo e a tirania sobre as

mulheres, como apontara Alexandre Pinheiro Torres. Estabelece uma ligação com o romance fundador do género, em Portugal, *Viagens Na Minha Terra*, de Almeida Garrett, e considera que ambas as obras são decisivas para se entender as respectivas épocas, representando nos dois casos uma tomada de posição política do autor. A Etnografia precisa da obra de Redol constitui a melhor fonte informativa em inúmeros assuntos por ele narrados, em resultado de muito estudo, recolha e trabalho, que visou dar voz aos sem voz, porque escrevia para que aqueles que não liam pudessem vir a ler.

A partir do Ceará, Adelaide Gonçalves, que se quer intitular “uma leitora no Brasil, em luta contra a cegueira no país”, olha para o narrador por excelência da vida dos “sem eira nem beira” através do seu enquadramento no âmbito da literatura portuguesa, da sua paixão pelos livros, com o seu lugar social de escritor, como cidadão interveniente no seu tempo e nas discussões acerca da cultura. Leu *Barranco de Cegos* “com os olhos boiando em água salgada”, como diria Eliane Brum, a imaginar a obra numa tela grande, num cinema de Lisboa, com a leitura a seduzi-la para outros mundos, contra a cegueira que vive o Brasil de 2021. O Senhor de Aldebarã, criação de Alves Redol para retratar o poder desmesurado e marialva, bem como para esclarecer as fontes da acumulação primitiva nos campos da Lezíria, merece no texto de Adelaide Gonçalves a atenção ao contraponto dos teimosos valadores e à sua Associação, plena de futuridade. O romance é considerado uma alegoria do país e o fim de Diogo Relvas uma premonição do fim de Salazar. As virtudes do paternalismo agrário como fonte do poder não resistem a um olhar mais atento: aquele que quis ser um Deus Agrário, além de suas terras e de um título nobiliárquico desmorona-se quando um gato e alguns pardais estilhaçam vidros estilhaçados e fazem entrar uma lufada de ar fresco. Bastou um bafo, porque tudo o que é sólido se dissolve no ar. A autora ressalta a futuridade de Alves Redol neste livro de grande lucidez histórica e imaginação subversiva, e termina de modo aliciante, com o meio bigode e o recado a António Lúcio, entre noites e dias de estúrdia na vila.

As palavras, com a sua potência, cruzam oceanos, porque a injustiça e a alienação dos corpos tornados máquinas se encontram pela ecúmena. «Somos muitos Severinos, iguais em tudo na vida», escreveu João Cabral de Melo Neto. Sobre *Gaibéus* (1939) registou Redol que «Este romance não pretende ficar na literatura como obra de arte. Quer ser, antes de tudo, um documentário humano fixado no Ribatejo. Depois disso, será o que os outros entenderem». Lourdes Vicente, militante do MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, e professora no IFCE – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará –, no Brasil, levou este entendimento longe na sua leitura deste livro, que reitera o compromisso de Alves Redol com os condenados da História. O desafio de Lourdes Vicente passou pelo cruzamento da Etnografia legível no romance *Gaibéus* com o seu conhecimento da situação da reforma agrária do Ceará, em tempos diferentes e em

territórios distintos. As mulheres da Chapada do Apodi, que trabalham em fábricas de frutas para exportação em condições que provocam o desgaste precoce dos corpos e a doença, são convocadas para este cruzamento, que nos traz também João Cabral de Melo Neto, Jorge Amado, Raquel de Queiroz, Josué de Castro, Paulo Freire e Dom Pedro de Casaldáliga – este último, sobre a realidade do Xingu. Num texto em que procedeu a uma leitura dialógica com Laerte Moure, um autodidata e leitor amantíssimo que trabalha num apoio de praia em Fortaleza, como tantos dos que leram Redol e fizeram dele um escritor popular, Lourdes Vicente traz-nos um idêntico clamor de indignação acerca das condições de vida e de trabalho, numa ponte temporal – entre 1930 e 2021 –, e espacial – entre os dois lados do oceano. Nos tempos de COVID-19 em que estes textos foram produzidos, a necropolítica tomou o Brasil e outros pontos do globo, juntando-se-lhe a fome e o crescendo das infâncias desvalidas, aqui convocadas num registo poético por Lourdes Vicente. O que faz seguir em frente é ter sonhos, que podem ser «sonhos humildes», como lhes chama o antropólogo chileno Raúl Contreras, como o “ceifeiro rebelde” ou as mulheres da Chapada do Apodi. Entre um e outras, um mesmo latifúndio, uma mesma exploração, os mesmos filhos esquecidos sem pai, embora noutros espaços e tempos, e em que a Etnografia vai de mãos dadas com a literatura.

Atilio Bergamini e Suene Honorato, ambos professores de Literatura na Universidade Federal do Ceará, olharam para o Douro – e a produção de vinho –, a partir de pontos a sul, nesta ecúmena. O designado Ciclo Port Wine, com *Horizonte Cerrado* (1949), *Os Homens e as Sombras* (1951) e *Vindima de Sangue* (1953) serve-lhes, neste texto em forma de missiva destinada à co-organizadora deste dossiê, para mostrarem o modo como as classes e os grupos dentro delas, os interesses internos e/ou globalizados, se estendem em fractal pelo mundo, com a geografia a multiplicá-las, semelhantes conquanto em paisagens diversas. O vinho é o sangue da videira, numa paráfrase de Freud que lhes permite recuperar esse desdobramento do mundo num padrão repetido. O artigo epistolar que publicamos cruza a paisagem do Douro, a história e a narrativa de Alves Redol, com a geografia e a história da produção de vinho no Rio Grande do Sul, conquanto existam castas de vinho que não migram, porque a consistência dos vinhos do Douro precisa do ecossistema da região do vinho do Porto para poder existir. O oceano é uma mentira, reiteram, com o caminho dos livros a desdobrar-se e o trabalho humano guardado nas coisas. Redol levava a sério a observação participante, participando na descarga dos vinhos no Douro, descalço, com a sua boina e uma camisola grossa de lã. Só dessa forma se pode conhecer, a partir de dentro, como se tira vinho de pedras e de sangue, numa faina que é tão difícil como escrever romances: a verdadeira epopeia não é o Ciclo Port Wine, mas esse trabalho de tirar pipas de vinho a partir das pedras, nesta construção em solcalco. Recordam os autores que os italianos que chegaram ao sul do Brasil –